

# **Seletividade alimentar e alfabetização em crianças autistas**

Raquel Mara Ladeira do Carmo Schmaltz

Nutricionista,

Neuropsicopedagoga

Especialista em Nutrição Humana

Mestre em Promoção de Saúde

Especialista em Educação Inclusiva

Especialista em Gestão Educacional

Prof. Faculdade Máster de Parauapebas

## **Resumo**

O transtorno do espectro autista (TEA) caracteriza-se por baixa reciprocidade social, atraso na linguagem e comportamento restrito sendo que o diagnóstico deste transtorno é feito em três níveis: leve, moderado e severo. Mesmo com o direito legal à educação, a presença do aluno autista no ensino regular reflete o despreparo da escola e dos docentes em receber tais alunos, visto que raramente é feito ajustes no currículo e adaptações necessárias nas atividades escolares. Além disto, ressalta-se o histórico conturbado da inclusão escolar referente ao autismo no país, uma vez que a mesma foi negada ao ensino regular durante muito tempo. O processo de alfabetização no autismo não deve ser uma manipulação mecânica de palavras, mas sim uma relação dinâmica que vincula linguagem com realidade, ou seja, deve ser um processo bem visual trabalhando emparelhamento e nomeação oral de palavras e figuras. A alfabetização no aluno autista é fundamental para que o mesmo seja incluído de forma melhor na sociedade, visando assim reduzir barreiras impostas pelas limitações do transtorno do espectro autista, uma vez que a alfabetização garante mais uma forma de comunicação e de expressão social. As práticas pedagógicas devem ser adaptadas ao aluno autista com adaptação curricular, plano de ensino individualizado e gestão de comportamentos. Desta forma a escola deve trabalhar com práticas inclusivas buscando assim o desenvolvimento do aluno e sua inclusão na sociedade.

## **Introdução:**

O aumento no número de crianças diagnosticadas com autismo cresce vertiginosamente no mundo inteiro, atualmente a proporção é para cada 44 crianças nascidas uma possui este transtorno. Em seu estudo epidemiológico Paula &Gadia (2019) sugerem que no

Brasil há dois milhões pessoas diagnosticadas com esta alteração neurológica sendo que 600 mil são crianças.

A seletividade alimentar está atrelada ao transtorno do processamento sensorial em crianças autistas sendo sua prevalência acima de 70% nas crianças presentes no espectro autista.

Mesmo com o direito legal à educação a presença deste aluno no ensino regular reflete o despreparo da escola e dos docentes em receber tais alunos, visto que raramente é feito ajustes no currículo e adaptações necessárias nas atividades escolares. Além disto, existem várias lacunas entre a formação docente e a necessidade em realizar formação contínua para atualizar as práticas pedagógicas, para que assim o docente consiga atuar positivamente na inclusão deste aluno.

A alfabetização do discente autista deve ser um processo peculiar, visto que cada criança recebe informações de certa forma e as assimila para adaptar o conhecimento com o que já sabe previamente.

Desta forma, mais pesquisas devem ser feitas na área educacional visando atingir o melhor desenvolvimento da criança autista assim como a preparação docente.

### **Desenvolvimento:**

A seletividade alimentar caracteriza-se pelo conjunto de três fatores: pouco apetite, recusa alimentar e desinteresse pelo alimento. Tais fatores podem restringir ao consumo de alimento e assim limitar a ingestão de alimentos o que pode ocasionar déficits nutricionais e comprometimento do funcionamento do organismo (Domingues, 2011).

O transtorno do processamento sensorial (TPS) agrava a seletividade alimentar, visto que a sensibilidade sensorial contribui para a recusa de alimentos, inclusive de grupos alimentares, conforme a textura dos mesmos. Assim alimentos em preparações pastosas, batidos, pegajosos ou fibrosos apresentam maior recusa alimentar. A abordagem multiprofissional composta de nutricionista, terapeuta ocupacional, psicólogo, fonoaudiólogo e médico torna-se essencial neste caso para assim tratar o paciente de forma global.

A alimentação saudável é fundamental para a promoção de saúde, sendo a idade escolar fundamental para a aquisição e manutenção de bons hábitos alimentares os quais fornecem nutrientes e energia ao organismo contribuindo assim para o estado atencional, o qual é fundamental no processo de alfabetização.

Atualmente no Brasil as pesquisas sobre o processo de alfabetização no autismo estão se intensificando juntamente com pesquisas sobre a inclusão escolar. Portanto, neste caminho é necessário pesquisar não apenas as dificuldades no processo alfabetizatório das crianças autistas, mas também é necessário que os docentes se capacitem para facilitar este processo para os discentes TEA (Campolini, 2016).

Muitas pesquisas sobre o processo de alfabetização têm identificado alguns problemas tais como: dificuldades nos métodos e nos resultados da alfabetização; presença de insatisfação e insegurança dos professores; ineficácia do poder público mediante aos resultados negativos da alfabetização. Tais dificuldades motivam criar novas propostas de reexaminar as teorias e os caminhos tradicionais para alfabetizar o autista (Soares, 2017).

Rose (2012) cita que há pré- requisitos para alfabetizar a criança autista. Primeiro deve-se tornar as letras estímulos discriminativos para a criança “tatear”. Assim pode-se pedir para a criança associar as letras presentes nos rótulos de alimentos com palavras impressas. Segundo deve estimular o interesse da criança por livros e letras, assim deve estimular a criança a folhear os livros, apontar e nomear imagens.

Para Correia (2012) as pesquisas sobre alfabetização em alunos autistas ainda são escassas, visto que é recente a presença da população autista neste meio. Além disto, deve haver investigações que demonstrem as potencialidades interativas das crianças com autismo e seus avanços desde o ensino infantil, para que assim as possibilidades de inclusão ocorram em maior proporção.

De acordo com Pinto (2017) o processo de alfabetização não deve ser uma manipulação mecânica de palavras, mas sim uma relação dinâmica que vincula linguagem com realidade. Desta forma tal processo vai muito além de reconhecer apenas letras e números, pois é necessário interpretar o ambiente em que está inserido por meio de leituras de mundo.

Conforme Capelinni (2016) a alfabetização e letramento é um processo fundamental para que o indivíduo desenvolva habilidades de leitura e de escrita o que é essencial para o mesmo crescer e interagir no meio em que vive. Além disto, cada criança manifesta respostas próprias ao ensino e aprendizagem conforme suas práticas pedagógicas, refletindo assim suas dificuldades e potencialidades nesta etapa do processo acadêmico.

Para Bastos (2018) a fala antecede a escrita e esta surgiu para representar aquela. Além disto, na infância há muita maleabilidade das estruturas psíquicas e desta forma a relação da linguagem pode ser reordenada pela escrita, portanto a alfabetização torna-se elemento chave na comunicação do autista.

Soares (2004) cita que a alfabetização apenas tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita, assim alfabetização e letramento tornam-se indissociáveis apesar de distintos. Para tanto, a alfabetização deve ser feita conforme o contexto da realidade para que a aprendizagem da língua deixe de ser uma questão estritamente pedagógica e envolva outras esferas da formação humana, visto que a leitura ultrapassa a decodificação, pois a mesma é uma atribuição de sentidos.

De acordo com Nunes (2016) a habilidade de leitura é um processo complexo, o qual envolve a decodificação de palavras (conversão de símbolos gráficos em sons) e a compreensão do seu significado; entretanto para haver a compreensão linguística (escrita ou oral) deve haver uma interpretação mental das informações transmitidas pelo texto.

Shibukawa (2013) cita que o processo alfabetizatório está ligado às concepções que a escola visa ensinar e aprender, visto que algumas abordagens escolares reduzem a

alfabetização a simples decodificação dos símbolos escritos linguísticos. Assim a escola não deve transmitir a concepção de que a escrita é apenas a transcrição da oralidade “alfabetizar é muito mais que ler e escrever, é muito mais que codificar e decodificar”.

De acordo com Campolini (2011) para que o aluno autista tenha sucesso na alfabetização torna-se necessário que o mesmo tenha um suporte de ensino direcionado, desde os anos iniciais do ensino fundamental, para que o mesmo consiga interiorizar a linguagem social e exteriorizar o pensamento, processos estes que são chave para assimilar de modo autônomo os signos convencionados socialmente.

Gomes (2016) cita que o repertório pobre de habilidades linguísticas prejudica a alfabetização no autista, visto que este aspecto é central nos portadores de TEA. Assim os processos para o ensino da alfabetização no autista deve contemplar estratégias que favoreçam tanto a leitura oral como a leitura de compreensão (compreender realmente o que leu).

O ensino quando é estruturado visa desenvolver habilidades de atenção, contato visual, atenção compartilhada, aumento do tempo de permanência na atividade, troca de turno, empatia, contato social, ou seja, desenvolve habilidades que são pré-requisitos fundamentais para o processo de alfabetização no indivíduo autista o qual geralmente apresenta defasagem nestes quesitos (Campolini, 2011).

Para Ribeiro (2016) há quatro métodos mais conhecidos de alfabetização: tradicional, sintético (fônico), analítico (global) e construtivista. No método tradicional o aluno decora inicialmente as vogais, depois as consoantes, posteriormente decora as famílias silábicas e finalmente as junções das sílabas até conseguir ler textos; neste método utiliza-se muito o uso de cartilhas para memorizar a aprendizagem além de ser um método centrado no professor sendo que o aluno neste método é apenas espectador do processo, ou seja, o aluno é agente passivo.

No método construtivista, o processo de alfabetização valoriza o conhecimento prévio da criança para desenvolver as atividades, assim favorece o desenvolvimento cognitivo além de unificar a linguagem oral com a escrita. Neste método o aluno é agente ativo na construção do conhecimento (Pereira, 2013).

Alguns recursos metodológicos construtivistas foram desenvolvidos exclusivamente para trabalhar a alfabetização do autista, são eles: ABA, TEACCH, PECS.

O ABA incentiva o uso de materiais concretos e adequa o comportamento do aluno autista com estímulos reforçadores, além disto, desenvolve capacidades motoras e cognitivas, visto que é uma terapia a qual pode ser utilizada na alfabetização de modo intensivo e gradual (Oliveira, 2019).

O TEACCH utiliza a organização do ambiente e a previsão de tarefas por meio de painéis e de quadros para que a criança possa compreender o que se espera dela em determinada situação. Esta metodologia visa desenvolver a autonomia das crianças, para que a mesma possa realizar suas tarefas de forma independente (Paim, 2019).

O PECS é um sistema criado que utiliza figuras para a comunicação, desta forma ele ajudou o aluno autista a desenvolver a comunicação de forma concreta no seu meio social,

visto que as figuras impressas nos cartões do PECS permitem o ato comunicativo e a sua compreensão (Paiva, 2019).

Tanto o ABA, o TEACCH e o PECS são métodos construtivistas que valorizam a construção do conhecimento da criança junto a seu desenvolvimento cognitivo, pois consideram o conhecimento que a criança já possui para desenvolver as atividades. Estas atividades podem ser feitas unindo linguagem oral com escrita para se ensinar, vogais, consoantes, sílabas, palavras, frases e posteriormente textos (Mathias, 2020).

Seabra (2011) cita que no método fônico ocorre a correspondência entre as letras e os seus sons, ou seja, auxilia o leitor a discriminar, segmentar e manipular os sons da fala. Além disto, neste método pode haver adaptação para autistas que não conseguem verbalizar, pode-se fazer uso da comunicação alternativa e ampliada.

A consciência fonológica surge em crianças de forma espontânea entre os quatro e cinco anos, já a consciência fonêmica (percepção de que a língua é formada por pequenas unidades sonoras) precisa da instrução formal do alfabeto, visto que os fonemas isolados são difíceis de serem discriminados e não constituem segmentos acústicos independentes, assim o indivíduo precisa estabelecer correspondência entre os elementos fonêmicos da fala e os grafemas da escrita (Nunes, 2016).

Gomes (2016) em seu estudo avaliou a relação entre palavra impressa- figura – palavra ditada – nomeação e palavra ditada para avaliar o nível de compreensão da leitura em alunos autistas. Neste caso o ensino de nomeação de palavras impressas ocorreu por ensino direto de sílabas simples (consoante-vogal, desta forma inicia:

- 1) a nomeação de sílabas e de palavras
- 2) emparelhamento das palavras impressas
- 3) nomeação oral das palavras figuras

Com o método fônico de alfabetização ensina-se o som (fonema) inicial das vogais que depois de bem endossado vai-se para os fonemas consonantais. Após junta-se o som da consoante com o som da vogal para formar o som da sílaba e assim o aluno treina a emissão do comportamento ecoico. Após o ensino da sílaba com todas as vogais, o aluno deve nomear as mesmas e após ter 80% de acerto deve-se nomear as sílabas em sequência aleatória. Após a nomeação silábica aprendida previamente são formadas palavras com tais sílabas e posteriormente formam-se frases. Geralmente a criança irá ler com pausas entre as sílabas e deve ser encorajada a ler de forma mais rápida (pareamento auditivo visual direto) Estas foram as conclusões observadas na pesquisa de Gomes.

No método analítico (global) a alfabetização é incentivada pela imagem da palavra, é ensinado por meio da associação direta entre as palavras e seus significados, assim a aprendizagem da linguagem escrita ocorre por imagem da palavra. Muitas pessoas com TEA por terem dificuldade em isolar os sons em palavras e consequentemente associá-los à escrita utilizam com sucesso este método global, pois o aluno aprende a função comunicativa das palavras escritas (devido ao apoio visual da figura impressa) sem necessariamente dominar a leitura alfabética (Nunes, 2016).

O método global também é utilizado por autistas não verbais, pois este método permite que os autistas possam identificar as palavras escritas. Entretanto alguns especialistas

criticam tal método, pois o mesmo limita a leitura apenas a termos conhecidos da criança e não atenta à ortografia (Seabra, 2011).

Costa (2017) cita um outro método de alfabetização, que é o método sociolinguístico, este autor cita que este é o método mais favorável para ser utilizado com crianças autistas. Este método contempla as seguintes fases: pré-silábica, silábica, silábico alfabética e alfabética.

- Na fase pré-silábica a criança escreve garatujas, reproduz traços típicos da escrita como linhas curvas e retas; faz letras de tamanho variados.
- Na fase silábica a criança supõe que a escrita representa a fala; confere valor sonoro às letras; supõe que cada sílaba oral corresponde a uma letra; faz combinações de vogais com consoantes.
- Na fase silábica- alfabética a criança compreende que a escrita representa o som da fala; compreende o valor sonoro de cada letra; combina vogais e consoantes em uma mesma sílaba na tentativa de combinar sons mas não usa a escrita de forma socializável.
- Na fase alfabética a criança compreende que a escrita tem função social; compreende a construção do código da escrita; conhece o valor sonoro de todas as letras; produz escrita alfabética e faz leituras.

A forma como os estímulos visuais são apresentados nas tarefas são variáveis relevantes para os alunos TEA, visto que a organização e a previsibilidade da sequência de apresentação de termos leva ao sucesso dos participantes. O emparelhamento de fichas de palavras impressas favorece a generalização da leitura oral por similaridade, ou seja facilita a emitir a mesma resposta frente a estímulos semelhantes (Catania, 1999).

O ensino direto de sílabas busca favorecer a leitura combinatória e estabelecer linha de base para engendrar a leitura de compreensão, assim utiliza-se a nomeação das consoantes e das vogais além de leitura combinatória. Deve - se atuar de modo gradativo iniciando do mais simples para o mais complexo, com apresentação estruturada dos estímulos visuais (as letras devem estar impressas na mesma cor), para que novas habilidades possam ocorrer mais facilmente quando os comportamentos são ensinados individualmente (Gomes, 2016).

O atraso da linguagem, critério presente em crianças com TEA, prejudica as representações fonológicas as quais são armazenadas em nosso cérebro, assim inviabilizam o acesso ao significado das palavras. Além disto, os alunos autistas tem maior dificuldade em compreender a relação grafema fonema o que impacta na compreensão do princípio alfabético (Nunes, 2016).

Para Nunes (2016) crianças com autismo tem dificuldade em integrar significados e estabelecer relações entre conteúdo lido e inferências intra e extratextuais. Este mesmo autor cita que a dificuldade do autista em identificar pensamentos e sentimentos dos personagens nas histórias pode dificultar a compreensão das mesmas por eles.

De acordo com Gomes (2016) a leitura oral fluente pode ser entendida como a habilidade de palavras sob controle de unidades intra palavras e /ou intra sílabas, desta forma, procedimentos que ressaltem o ensino silábico podem favorecer este tipo de leitura.

Para a leitura de compreensão (letramento) o aluno deve relacionar o que acabou de ler com os aspectos do mundo e correlacionar com sua experiência prévia com os mesmos, assim o aluno associa a leitura com imagens impressas correspondentes em uma relação entre estímulo e resposta. Desta forma, procedimentos de ensino fundamentados no paradigma de equivalência de estímulos podem engendrar a aprendizagem de leitura com compreensão (Catania, 1999).

A alfabetização no aluno autista é fundamental para que o mesmo seja incluído de forma melhor na sociedade, visando assim reduzir barreiras impostas pelas limitações do transtorno do espectro autista, uma vez que a alfabetização garante mais uma forma de comunicação e de expressão social, fato este essencial para tornar o aluno mais autônomo pois no TEA há prejuízo nestas áreas (Seabra, 2011).

Nunes (2016) cita que as melhores práticas no ensino da leitura visam o desenvolvimento de cinco habilidades as quais são: consciência fonológica, consciência fônica, fluência, vocabulário e estratégias de compreensão leitora.

Conforme Peeters (1998) pessoas com autismo podem ter dificuldade em generalizar a aprendizagem, desta forma estratégias que favoreçam a generalização deve ser realizadas tais como o emparelhamento (figuras e palavras) e a nomeação permitem estabelecer linha de base que trabalham com simetria e transitividade necessárias à equivalência de estímulos o que caracteriza a leitura com compreensão.

### **Conclusão:**

Para que a alfabetização do aluno com TEA seja realmente efetiva ela deve também considerar e promover a socialização e a comunicação, visto que estes são pilares fundamentais para o letramento, uma vez que para o mesmo ocorrer a alfabetização deve ser feita de modo contextualizado com a realidade do aluno. Assim torna-se emergente a busca do docente por novos conhecimentos, recursos e estratégias para que sua prática pedagógica torne-se mais inclusiva e assim consiga abranger as necessidades do aluno em questão. A seletividade alimentar deve ser trabalhada para evitar deficiências nutricionais as quais comprometem o bom funcionamento orgânico do indivíduo principalmente no importante momento da alfabetização.

### **Referências bibliográficas:**

Bastos, M. B. Tratar e educar: alfabetização de crianças autistas. São Paulo: Diversa, 2018.

- Camargo, S. P. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. *Psicologia & Sociedade*, (21), 1. 2019.
- Catania, A.C. *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição*. Porto Alegre: Art Med, 1999.
- Capellini, V. L. ; Shibukawa, P. Práticas pedagógicas colaborativas na alfabetização do aluno com transtorno do espectro autista.
- Costa, D. A. C. O autismo e a educação especial. O mundo de (im) possibilidades para a educação. Dissertação de Mestrado UF-Maringá, 2015. [www.pcs.uem.br/ppi/arquivos-para-links/teses-edissertacoes/2015/deise](http://www.pcs.uem.br/ppi/arquivos-para-links/teses-edissertacoes/2015/deise)
- Costa, F. A. S. C. Práticas pedagógicas inclusivas na educação infantil: atividades lúdicas envolvendo crianças com transtorno do espectro autista (TEA). Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho. Pós Graduação em Docência Para Educação Básica Bauru, 2015.
- Domingues, G. Relação entre medicamentos e ganho de peso em indivíduos portadores de autismo. Dissertação de Mestrado, 2011. Disponível [https://www.olympia.casino/pt-BR/?sign-up=modal&stag=116356\\_61b394f73c20ec70f831b3cb](https://www.olympia.casino/pt-BR/?sign-up=modal&stag=116356_61b394f73c20ec70f831b3cb)
- Gomes, C. G. S Ensino de sílabas simples, leitura combinatória e leitura com compreensão para aprendizes com autismo. *Rev Bras. Educação Especial*, Marília, v.22, n. 2, 2016, p 233-252.
- Nunes, D. R. P; Walter, E. C. *Revista Brasileira de Educação Especial* v. 22, n. 4, Marília, SP. 2016.
- Nunes, C; Madureira, I. Desenho Universal para a Aprendizagem: construindo práticas pedagógicas inclusivas. *Revista Investigações Práticas*, v 5, n.2, Lisboa, 2015.
- Paim, L.E.P. A tecnologia educacional e o transtorno do espectro autista: possibilidades e desafios na alfabetização. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.
- Paiva, M.A.F. Escolarização da criança com TEA a partir do uso do alfabeto móvel organizado, 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2019. [www.fmabu](http://www.fmabu).
- Peeters, T. *Autismo: entendimento teórico e intervenção educacional*. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1998.
- Pereira, A. Autismo infantil: tradução, validação da Childhood Autism Rating Scale para uso no Brasil. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, v. 84, n. 6, p 487-494, 2008.
- Pinto, A. S; Perse, C. E. Alfabetização de pessoas com autismo. *Revis Iniciação à docência*, 2017.
- Ribeiro, M. L.M. Alfabetização e seus métodos. V 28. N.2, 2011.
- Soares, J. S. Romeiro, C. A. O processo de alfabetização no ensino regular: atendimento à criança com autismo. *Revis Magsul de Educação da Fronteira*, v.2, n. 1, p 82- 132 , Mar 2017.



Shibukawa, P.H. Práticas pedagógicas colaborativas na alfabetização do aluno com transtorno do espectro autista. *Jornal Unoeste*, 2013.